

O Letramento Digital e suas Implicações para a Educação Infantil

Robéria Nádia Araújo Nascimento

Doutorado em Educação, Universidade Estadual da Paraíba
Docente, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil
rmdia81@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-1806-0138>

Tatiana Lopes Rodrigues

Especialização em Supervisão Educacional, Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa
Docente, Secretaria Municipal de Educação, Lucena, PB, Brasil
tatianalr_ufpb@hotmail.com <https://orcid.org/0009-0002-2626-7654>

Resumo

Com a acessibilidade das novas tecnologias, as telas são objetos de atração que modificam as interações sociais. Tal fato é percebido, sobretudo, entre as crianças no início da vida escolar, uma vez que elas são imersas na cultura digital desde o nascimento. Esse contexto tem desdobramentos na educação e nos processos de aprendizagem, solicitando reflexões em torno das formas de ensinar e aprender. Discutir a questão não envolve apenas definir novos instrumentos pedagógicos para a construção de conhecimento, nem reestruturar as instituições, mas focalizar comportamentos e criar alternativas para a promoção de saberes em meio aos estímulos cognitivos gerados pelas ambiências tecnológicas. Desse modo, o objetivo deste artigo é tecer considerações sobre as implicações do letramento digital no âmbito da Educação Infantil. Metodologicamente, trata-se de uma abordagem de natureza bibliográfica que considera, com ênfase, a perspectiva socio-interacional de Vygotsky e dialoga, também, com outras concepções, apropriando-se dos estudos de (Soares, 2004; Recuero, 2017; Lévy, 1999). A revisão teórica indica que o letramento digital pode contribuir para o processo de aprendizagem na Educação Infantil, mas a adoção dos recursos tecnológicos nas práticas pedagógicas não pode minimizar a importância das sociabilidades e das relações interpessoais que são basilares nessa etapa de ensino.

Palavras-chave: Letramentos; Educação Infantil; Aprendizagem; Currículo.

Abstract

With access to new technologies, screens have become objects of attraction that alter social interactions. Such a fact is particularly perceived among children at the beginning of their school life, as they have been immersed in the digital culture since their birth. The education and learning processes are impacted by this context, leading to reflections on teaching and learning methods. Discussing the matter does not only involve defining new pedagogical instruments for the construction of knowledge, nor restructuring institutions, but also focusing on behaviours and creating alternatives for promoting knowledge amidst the cognitive stimuli generated by technological environments. Therefore, the goal of this article is to consider the impact of digital literacy in the context of Early Childhood Education. Methodologically, it is a bibliographical approach that emphasises Vygotsky's socio-interactional perspective and incorporates other concepts, using the studies of (Soares, 2004; Recuero, 2017; Lévy, 1999). The theoretical review indicates that digital literacy can contribute to the learning process in Early Childhood Education, but the adoption of technological resources in pedagogical practices cannot minimize the importance of sociability and interpersonal relationships that are fundamental in this stage of teaching.

Keywords: Literacy; Early Childhood Education; Learning; Curriculum.

Introdução

Com o avanço das tecnologias sobressaem estudos que consideram as novas formas de ensinar e aprender, atentando para as suas possibilidades e desafios. Nesse sentido, ganham relevância discussões em torno de temas como a alfabetização e, recentemente, o letramento digital. A especificação do termo se torna necessária, pois a palavra possui uma amplitude de significados que dependem e variam a partir do campo de conhecimento. Assim, poderíamos citar letramento acadêmico, jurídico, matemático, linguístico, entre outros, justificando a pluralidade conceitual.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), derivadas de um mundo digital e globalizado, alimentam a sociedade da informação, alterando as dinâmicas dos modos de vida coletiva e criando outras sociabilidades num mundo de relações e interfaces. Essas transformações se refletiram na educação, alcançando as escolas e colocando em debate as práticas pedagógicas. O quadro e o giz abriram espaço para as inovações tecnológicas, contudo, o desafio é buscar entender em que medida as escolas e os profissionais docentes podem acompanhar tais mudanças em tempos de textos multimodais com imagens, sons e vídeos. Como constataram Souza e Nascimento (2020), o trânsito de significados das interações tecnológicas permite que a cognição flua entre tempos e espaços que ampliam a mobilidade social e os arranjos dialógicos dos

grupos, suscitando novos canais de aprendizagem.

Na etapa da Educação Infantil, é comum observar crianças manuseando *smartphones*, *tablets* e computadores com muita facilidade, estabelecendo diferentes conexões dentro e fora do espaço escolar. Nos momentos de aula, docentes são surpreendidos com falas inesperadas, como essas: “Grande coisa! Eu já vi isso no *TikTok*, tia!”. Esse contexto solicita o que Baltar (2008, p. 564) denominou de “estratégias de ensinagem que reproduzam práticas letradas situadas em diferentes esferas sociais”. Se há mudanças nos suportes e no perfil dos estudantes, é preciso que os professores atentem para as diferentes formas de linguagem e os percursos das informações.

É importante salientarmos que o letramento, em sua concepção literal, já carrega a prerrogativa de relações e mediações interativas já que, segundo Kleiman (1995) é “considerado como um conjunto de práticas sociais” que também envolvem a escrita.. Nesse sentido, não se trata, apenas, de aprender a decodificação do texto físico, uma vez que a estrutura dos processos de aprendizagem engloba as características sociais e culturais do indivíduo, aproximando texto e contexto, dando vida à ideia de repertório cultural.

Discutindo a prática da leitura, Cavallo e Chartier (2002) explicaram que a leitura e a interpretação dos textos não ocorrem da mesma forma, assim como as habilidades de interpretação são variáveis. Os trabalhos e pesquisas científicas que estudam o letramento a partir do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental são recorrentes, pois essas séries fazem parte do Ciclo de Alfabetização, proposto a partir da homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017.

O Ciclo de Alfabetização propõe que, na Educação Infantil, as crianças tenham contato, de forma escolarizada, com as primeiras letras e os mais diversos gêneros textuais, como músicas, rimas, cartazes, parlendas, receitas e tantos outros, que buscam conectar a vida infantil com o mundo social e suas mensagens. Entretanto, Cavallo e Chartier (2002) chamam atenção para as construções de sentido do que é comunicado, já que diferentes suportes provocam mudanças de significação no ato de ler, influenciando as interpretações e as relações do entendimento efetivado: “Toda história das práticas de leitura é, portanto, necessariamente uma história dos objetos escritos e das palavras leitoras”. Isso torna qualquer texto dependente das suas condições de produção e de

disseminação coletiva. Um texto digital circula com outras maneiras de acesso aos conteúdos, pois a distribuição em tela oportuniza interfaces e hipertextos que podem alterar a sequência das mensagens impactando a interpretação dos leitores, as maneiras de ler, os comportamentos e as construções de sentidos.

Vemos, assim, diversas possibilidades de letramentos, o que nos impulsiona a discutir as implicações dos processos de digitalização para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Ou seja, é preciso que a escola compreenda que não basta ensinar a ler e a escrever, mas saber educar para a leitura e a escrita, de modo que esse aprendizado possa ser convenientemente apropriado para corresponder às expectativas e às interações do mundo digital.

Rojo (2012) salientou que, nesse cenário, os atos de ler e escrever são ainda mais atrelados à interação virtual do que às interações interpessoais. Essas interações não se referem apenas à perspectiva quantitativa da circulação de saberes, que podem compor diferentes imagens e conteúdos, mas chamam atenção para a existência dos multiletramentos na educação escolar que, por sua vez, configuram a aproximação entre linguagens e suportes. Nessa perspectiva, são observadas as seguintes características: 1) A interatividade e as práticas de linguagem colaborativas; 2) A democratização e a expansão dos acessos à informação; e 3) A hibridez de linguagens, modos, mídias e culturas. Nesse raciocínio, “a diversidade de conteúdos e a informação (produção cultural) subverte a propriedade dos bens culturais imateriais (ideias, textos, discurso, imagens, sonoridades)” (Rojo, 2012). Isto é, tudo circula e reverbera livremente.

Por isso, argumentou Kleiman (1995) que a leitura é sempre diversa e não-linear, traduzindo um exercício social dinâmico, atravessado pelos reflexos dessa cultura multimídia de hipertextos²², caracterizada por movimentos, profusão de imagens, cores e ilustrações, formando “um conjunto de práticas que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (Kleiman, 1995).

Se há necessidade de especificação; de aplicar métodos e fazeres, no que diz

²² Informações textuais agregadas a imagens (fixas ou animadas) e sons, organizados para promover uma leitura (ou navegação) não linear, baseada em associações de ideias e conceitos, na forma de “links”. Funcionam como portas virtuais que abrem inúmeros caminhos para diferentes conteúdos.

respeito às finalidades educativas, cabe não apenas capacitar os docentes para o uso das TICs como ferramentas didático-pedagógicas, mas “mediar” as dinâmicas do aprender de modo que as crianças possam extrair dos novos suportes saberes contextualizados para a leitura do mundo. A mediação passa, necessariamente, pela consciência de que as tecnologias nada fazem pela educação; são as pessoas que fazem o bom uso dos dispositivos. Nesse sentido, as tecnologias não prescindem dos professores. A eles cabe desenvolver a capacidade de filtrar, distinguir e selecionar conteúdos relevantes para o aprendizado infantil, o que se torna mais um desafio docente em tempos de internet, com entretenimentos exacerbados e subinformações difusas.

Para clarificar a complexidade desses processos, optamos por uma revisão de literatura que parte da perspectiva socio-interacional de Vygotsky, observando, ainda, as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), principalmente, no capítulo que se refere aos “Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil”.

Seguindo o raciocínio citado, este artigo está dividido em três seções temáticas: na primeira seção, apresentamos os conceitos de letramento e letramento digital à luz das concepções de Soares (2004), Rojo (2012), Kleiman (1995, 2005), Tfouni (2006) e Lévy (1999); a segunda seção discorre sobre o letramento digital que é abordado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC); por fim, tecemos considerações sobre a importância do letramento digital nos primeiros anos da infância, à luz de Vygotsky (1998, 2009).

Letramento e Letramento Digital

Antes de apresentarmos as concepções de letramento e letramento digital, é necessário localizarmos o leitor quanto ao uso dos conceitos propostos. Ao falarmos em letramento digital e Educação Infantil, logo lembramos dos desenhos e jogos interativos já desenvolvidos para crianças que mal conseguem segurar um aparelho eletrônico, mas se encontram atraídas pelas possibilidades desses artefatos. A TV já foi a babá eletrônica de muitas gerações. No entanto, não oferecia a possibilidade de manipulação infantil, o que reduzia alternativas e descobertas. Hoje, a curiosidade move a interação com as telas e isso parece se tornar mais interessante do que o contato com o mundo social e com quem o habita. São comuns os casos em que as crianças ficam imersas nesses aparelhos em

condição de alheamento do que se passa ao seu redor. Famílias atribuem a esses hábitos significativas parcerias, uma vez que, na vida moderna, poucos são os adultos que disponibilizam de tempo para o brincar com seus filhos.

Essa realidade recorrente nos fez problematizar o uso desses recursos tecnológicos nos contextos em que as crianças menores de 5 anos estão inseridas, observando, precisamente, o que apresenta a abordagem dessa temática na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tendo em vista ser esse o documento norteador para o planejamento das aulas e atividades lúdicas no âmbito da Educação Infantil.

Deste modo, trataremos o letramento e o letramento digital como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem das crianças que estão iniciando a vida escolar, já que o contato com as primeiras letras e as novas tecnologias acontece de maneira informal em outros contextos fora da escola, pois os estudantes têm acesso a uma diversidade de suportes e bens culturais para a conexão tecnológica, ainda que a discussão sobre inclusão digital extrapole as intenções deste texto.

O fato é que os avanços tecnológicos trouxeram uma nova roupagem para as formas de ensino-aprendizagem no cotidiano educativo. As aulas passaram a ter propostas mais interativas no intuito de aproximar os conteúdos escolares do uso das telas como recurso pedagógico. No entanto, as interações sociais e culturais possuem maior destaque nos primeiros anos de vida, e são essas vivências que possibilitam o estar no mundo, ativando o convívio coletivo. Tal contexto permite que a criança se reconheça como parte de um todo social e que seja capaz de manifestar na escola os conhecimentos prévios adquiridos no meio em que vive e nas relações que compartilha. Sobre esse processo anterior e preliminar de percepção de si no contato com os outros para uma assimilação de conhecimento, Freire afirmou, sabiamente, que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (Freire, 1989, p. 9).

Dessa forma, o letramento está intrinsecamente ligado à realidade do mundo social e das interações promovidas no convívio das culturas. Kleiman pontuou que, por isso, a acepção de letramento é ampla e não se refere, somente, às práticas de leitura e escrita. Segundo Kleiman (2004) “[...] o letramento significa uma prática discursiva de

determinado **grupo social**, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa essa interação oral, **mas que não envolve, necessariamente, as atividades específicas de ler ou de escrever**". Grifos nossos.

É importante esclarecer que os conceitos apresentados aqui não estão ligados ao processo de aquisição mecânica da leitura e escrita, ou ao desenvolvimento de competências leitoras para alcance de resultados e desempenhos, mas se apresentam como possibilidades de aprendizagem a partir do contato da criança com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), com as práticas letradas aprendidas na escola, mas com ênfase nas interações sociais, que não podem ser "substituídas" pelos aportes mecânicos e tecnológicos. Trata-se, pois, de estimular processos com essas ferramentas, além da socialização escolar mediada que promove a construção de saberes, mobilizando diversos caminhos para essa finalidade.

Tendo vencido o estranhamento de não falar do letramento apenas como "atividade específica de ler ou de escrever", segundo Kleiman (2004), vale considerá-lo como um "conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder" de acordo com Kleiman (1995). Ou seja, o conhecimento circulante, através de múltiplos códigos e referências, agrega saberes, favorecendo o reconhecimento do mundo e dos sujeitos, oportunizando, assim, efetivas condições de participação social.

Portanto, segundo Tfouni (2006): "o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade". A partir dessas visões, podemos dizer que o letramento vai além do estudo das técnicas de leitura e escrita: ele transcende as formas de aprender delimitadas às folhas de papel e amplia as possibilidades de aprendizagem. Além disso, o letramento alcança não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é. Nesse sentido, o letramento pode ser compartilhado entre culturas, comunidades, organizações e gerações de indivíduos que já tenham acesso às práticas letradas, como explicou Soares (2009) quando definiu o letramento como o "estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas que cultiva as práticas sociais que usam a escrita". Isto é, mesmo que um indivíduo não

saiba ler, ele se encontra imerso num mundo de códigos escritos, transitando numa cultura letrada permeada por informações plurais inscritas nas relações coletivas.

O acesso à informação e às mudanças culturais fez com que a sociedade se adaptasse às constantes mudanças. As formas de aprender e de se comunicar ultrapassaram as folhas de papel e adentraram em um mundo mais **interativo**. Como nos lembraram Oliveira e Ribeiro (2019): “Essa realidade reflete um cenário multimodal, em que as crianças navegam pelos espaços não lineares da internet e produzem novas formas de **interação**, desenvolvem novas habilidades de leitura que transcende dos livros” (grifo nosso).

O uso das mídias digitais se tornou comum nos processos de socialização das novas gerações e, na educação, ocorreu a reverberação desse cotidiano social. As tecnologias passaram a auxiliar no desenvolvimento do processo educativo impulsionando diversas formas de aprendizagens; em sala de aula, despertam a curiosidade, a autonomia e a criatividade, além de estimular o interesse dos alunos para novas descobertas para além dos conteúdos dos livros didáticos. Nessa perspectiva, houveram mudanças de posturas para o aprender. Assim, é importante ressaltar que o uso das TIC's não altera o que aprendemos, mas o modo como aprendemos Oliveira et al. (2015).

Diante disso, o conceito de letramento digital se insere no contexto educacional para fundamentar os estudos que pensam as tecnologias digitais para diferentes práticas de letramento. Nesse sentido, Soares (2002) e Buzato (2007) afirmaram que esse letramento é compreendido como intermediação digital. Do mesmo modo, Lévy (1999) defendeu que as tecnologias da inteligência propiciam um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, que englobam práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço e suas potencialidades, resultantes da interconexão mundial dos computadores.

Dessa forma, a educação no contexto digital tem um papel importante na inclusão e acesso de alunos ao conhecimento e à formação. Segundo Pacheco (2011): “a educação digital pode funcionar como uma mola propulsora nas mudanças sociais ao ressignificar a função e o uso das tecnologias que adentram os portões da escola”. Quando relacionamos o letramento digital à Educação Infantil, notamos que as crianças

que estão nessa etapa de ensino, demonstram ter ou já ter tido algum contato com as tecnologias digitais e conseguem reproduzir práticas simples de letramento no contato com as telas.

Contudo, ao voltarmos nossos olhares para os documentos que fundamentam o currículo escolar, percebemos pouco aprofundamento no que diz respeito à temática. A análise das propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) corroboram essa observação.

O Letramento Digital no Currículo da Educação Infantil

A concepção de currículo apresentada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil - DCNEI (MEC, 2009) compreende a criança como sujeito histórico e social, que possui protagonismo no processo de ensino e aprendizagem a partir de seus saberes e do conhecimento compartilhado com o professor e outras crianças.

Desse modo, o currículo precisa estar em sintonia com os processos socioculturais, o letramento considera fundamental essa interface para a aprendizagem. Vygotsky (2007), pautado em seus estudos sobre o desenvolvimento humano a partir das influências históricas, sociais e culturais, entendeu a linguagem como instrumento psicológico que organiza e expressa o pensamento do homem, chama atenção para sua relevância na infância, sobretudo no avanço das funções psicológicas. Em suas palavras:

[...] A capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução e controlarem seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais. Segundo ele, a linguagem tem a função de expressar o pensamento do homem, ao passo que estrutura esse pensamento. A linguagem organiza os signos e contribui significativamente para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (Vygotsky, 2007).

Se o letramento digital tem importante papel de facilitador da comunicação e da aprendizagem dos grupos sociais, investigaremos como ele se apresenta na Base

Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente no capítulo que trata da Educação Infantil. Antes disso, ao pesquisarmos sobre o tema, percebemos que já nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, que fixam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o letramento digital é contemplado a partir da menção a recursos tecnológicos:

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: [...]

XII – possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos. Base Nacional Comum Curricular (2009).

Com isso, percebemos que há uma preocupação com as práticas pedagógicas e **interações** que as tecnologias podem proporcionar, o que demonstra um compromisso com o desenvolvimento integral da criança.

Procuramos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no capítulo específico, direcionado para a Educação Infantil, propostas de *Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento* que contemplassem o letramento digital de forma direta, sem que o texto deixasse a cargo do professor a responsabilidade de interpretar e planejar aulas interativas, usando esses objetivos como referência. Encontramos apenas dois *Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento* nessas perspectivas.

A tabela abaixo busca ressaltar os objetivos e a faixa etária a que eles se destinam:

Quadro 1

Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento

CAMPO DE EXPERIÊNCIAS: “Escuta, fala, pensamento e imaginação”	
FAIXA ETÁRIA	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	(EI01EF07) Conhecer e manipular materiais impressos e audiovisuais em diferentes portadores (livro, revista, gibi, jornal, cartaz, CD, <i>tablet</i> etc.). (EI01EF09) Conhecer e manipular diferentes instrumentos e suportes de escrita.

Fonte: Elaborado pelas autoras

Ressaltamos que existem *Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento* que contemplam a realização de aulas interativas e que utilizam o letramento digital, mas, procuramos trazer um recorte direcionado, no qual o texto oficial indica o uso das tecnologias digitais. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também traz no texto de um de seus *Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento*, referências sobre o uso de tecnologias:

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. Base Nacional Comum Curricular (2017).

Nota-se, portanto, que os textos da BNCC não mencionam, em nenhum momento, o termo letramento digital, embora as tecnologias digitais não deixem de ser citadas e, conseqüentemente, possibilitem a aplicação nas aulas da Educação Infantil. As menções oficiais quanto ao emprego dessas ferramentas tecnológicas nas práticas pedagógicas direcionadas às crianças mencionam a exploração de diversos recursos, mas sugerem um cuidado expressivo quanto à utilização tecnológica propriamente dita em sala de aula.

Acerca dessas diretrizes, é válido observar um conceito que pode ser utilizado em diversos contextos: a interação. No que tange a essa categoria, podemos falar nas interações interpessoais e as interações virtuais em tela, através da cultura digital. De acordo com Recuero (2017), nossa posição de atores no mundo social é, ao mesmo tempo, produto e produtora de interações sociais; isto é, nossos modos de interação influenciam e são influenciados pelos espaços que ocupamos. Por isso, a ideia de social numa cultura em rede, é, na verdade, uma metáfora estrutural que nos ajuda a compreender os grupos de indivíduos e a natureza de suas relações. São novas sociabilidades e, com elas, novos modos de aprender e ter acesso a uma multiplicidade de informações que constituem um cenário que precisa ser analisado dadas as suas perspectivas positivas e negativas. “Ou seja, observam-se os atores e suas interações, que por sua vez, vão constituir relações e laços sociais que originam o ‘tecido’ dos grupos”, segundo Recuero (2017).

Na Educação Infantil e em qualquer nível escolar, a interação com as pessoas e com o meio é imprescindível para a aprendizagem. Não se aprende sozinho; não se ensina sem interlocução com o mundo. Isso corrobora com o pensamento de Vygotsky (1992) quando ele afirmou que “a aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimentos que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas” De acordo com Vygotsky, como citado em Oliveira (1992). Pensando nisso, ao favorecer o uso de tecnologias digitais, as interações pessoais em sala de aula seriam, de certa forma, negligenciadas, podendo afetar o processo de desenvolvimento da aprendizagem infantil, considerando a formação de grupos e interesses comuns. Por essa razão, Recuero (2017) alertou que a cultura digital exige decisões individuais que, de algum modo, reverberam no espaço da coletividade. Assim, os docentes precisam analisar a intencionalidade do uso das tecnologias entre turmas infantis e avaliar quais informações ou imagens podem ser veículos de saberes significativos. Nesses termos, o trabalho pedagógico com as tecnologias não deve prescindir das interações entre os grupos, partindo da ideia de que “o ato de aprender é racional, mas também emocional, já que se vincula aos sentimentos, às emoções, aos marcadores somáticos que as representações visuais informam ao cérebro e o predisõem para as habilidades relacionais necessárias ao conhecimento”, de acordo com Souza e Nascimento (2020).

Aprendizagem e Interação Social

A aprendizagem e a construção do conhecimento são protagonizadas pelas interações entre os sujeitos a partir das relações sociais, para, em seguida, ocorrer a internalização por cada indivíduo. Do mundo externo para os processos internos e individuais. A esse respeito escreveu Vygotsky (1998): Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: a primeira, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica).

À luz do pensamento indicado, percebemos que o processo de aprendizagem se inicia na interação com os pares para, só depois, ser singularizado. Nesse sentido, o

contato com a família, com os membros da escola, com a comunidade e com a rede de amigos, faz com que o sujeito se reconheça numa estrutura social e histórica que influencia a construção de sua personalidade.

Como um indivíduo só existe como um ser social, como um membro de algum grupo social em cujo contexto ele segue a estrada do desenvolvimento histórico, a composição de sua personalidade e a estrutura de seu comportamento reveste-se de um caráter dependente da evolução social cujos aspectos principais são determinados pelo grupo. (Vygotski, 2009).

Ao analisarmos, na BNCC, como o letramento digital se apresenta nos *Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento para Educação Infantil*, percebemos que o uso desse letramento pode contribuir para o processo de aprendizagem das crianças que estão iniciando a idade escolar e que a tecnologia pode ser uma aliada no processo de ensino-aprendizagem, mas suas proposições no documento são pontuais, uma vez que na etapa da Educação Infantil as relações interativas, sociais, emocionais e afetivas devem receber maior atenção.

A interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. Portanto a interação social, seja diretamente com outros membros da cultura, seja através dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo [...] (Oliveira, 1992).

Nesse sentido, o uso das tecnologias digitais pode contribuir no trabalho pedagógico, mas assume posição secundária em relação às vivências proporcionadas no convívio com os semelhantes. A interação social e as aproximações infantis no espaço escolar não apenas favorecem a circulação de saberes e as descobertas do mundo, mas aparecem como elementos primordiais para o desenvolvimento das funções psicológicas, da socialização, caracterizando um movimento de assimilação e interpretação de saberes que se dá “de fora para dentro”, entendido numa sequência interativa que parte do contexto para a formação do indivíduo, produzindo trocas e experiências que alimentam a educação.

Considerações Finais

O aprender constitui um processo complexo, imbricado de demandas socioculturais e interferências advindas do contexto sociocultural. Com o advento das novas tecnologias, a aprendizagem passou a ser vista como algo não linear, mais flexível e que oferece novas possibilidades de acesso ao saber.

Ao relacionarmos, neste trabalho, os objetivos de aprendizagem voltados para o letramento digital à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) percebemos que esse tipo de letramento se apresenta no currículo da Educação Infantil como alternativa para as práticas pedagógicas.

É compreensível o uso das tecnologias digitais nas aulas que envolvem as práticas letradas, afinal, os meios digitais permeiam as atividades cotidianas. Porém, no currículo da Educação Infantil, as práticas de interação pessoal e social se mostram mais relevantes do que as interações em tela. Pensar nessa perspectiva demonstra uma preocupação e compromisso com o desenvolvimento integral da criança, relacionando a sociabilidade e a subjetividade, corroborando a visão de Vygotsky, citado em Oliveira (1992), quando afirmou que “[...] a vida social é um processo dinâmico, onde cada sujeito é ativo e onde acontece a interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada um [...]”.

Nos primeiros anos da infância a criança vive alguns marcos significativos quanto às possibilidades do desenvolvimento psicossocial. Assim, é importante que suas necessidades emocionais, afetivas e psicológicas sejam acolhidas no espaço escolar. Esse tipo de acolhimento só é possível através das interações humanas, que são dialógicas e formativas dando significado à vida social dos futuros indivíduos no processo civilizatório.

Referências

- Baltar, M. (2008). Letramento radiofônico na escola. *Linguagem em (Dis)curso*, 8, 463-580.
- Buzato, M. E. K.. (2007) Desafios empíricos-metodológicos para a pesquisa em letramentos digitais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 1, 45-62.
- Cavallo, G., & Chartier, R. (2002). (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Ática.
- Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler: Três artigos que se completam*. Cortez.
- Kleiman, A. B. (1995). *Os significados do letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Mercado de Letras.
- La Taille, Y., Oliveira, M. K., & Dantas, H. (1992). *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão*. Summus.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Editora 34.
- Ministério da Educação (2017). *Base Nacional Comum Curricular*.
- Oliveira, C., Moura, S. P., & Sousa, E. R. (2015). TIC's na educação: A utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno. *Pedagogia em Ação*, 7(1), 75-94.
- Oliveira, M. K. (1997). *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento*. Scipione.
- Pacheco, M. A. B. (2011) *Educação digital: Uma perspectiva de inclusão no cotidiano da escola*. [Dissertação de Mestrado, não publicada]. Universidade Federal de Uberlândia.
- Rojo, R. H. R., & Moura, E. (2012). *Multiletramentos na escola*. Parábola Editorial.
- Secretaria de Educação Fundamental. (1998) *Diretrizes Curriculares Gerais Nacionais da Educação Básica*.
- Silva, M. S. L. (2017). *Letramento digital na formação inicial do docente de letras no interior da Paraíba*. [Dissertação de Mestrado, não publicada]. Universidade Estadual da Paraíba.
- Soares, M. (1998). *Educação infantil: Alfabetização e letramento*. Autêntica.
- Soares, M. (2002) Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, 23(81), 143-162.
- Soares, M. (2009). *Letramento: Um tema em três gêneros* (3ª ed.). Autêntica.
- Souza, F. M., & Nascimento, R. N. A. ((2020). Linguagens híbridas na ambiência do WhatsApp. In J. C. S. Monteiro, M. Xavier & R. N. A. Nascimento (Orgs.). *As tecnologias digitais no processo formativo de uma geração de alunos conectados*. Mentis Abertas.
- Tfouni, L. (2006) *Letramento e alfabetização* (8ª ed.). Cortez.
- Vygotsky, L. S. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem*. Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. Martins Fontes.